

sessões do MAGNÁRIO

VOL. 20 | N. 34 | 2015 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2015.2>



CURTA NOSSA
PÁGINA

Dossiê 65 anos de TV no Brasil

P.01

Estórias e História: memórias de telespectadores sobre novelas de 1970 e 1980

Diego Franco Gonçalves e
Julio Cesar Fernandes

P.18

As contribuições da TV para o desenvolvimento do campo e construção de novas representações sobre o rural

Ricardo Ramos Carneiro da Cunha, Vicente William da Silva Darde e Fernando Albino Leme

P.129

Memórias de ontem, hoje e amanhã – Entrevista com Marialva Barbosa

Ciro Götz e
Jéferson Cardoso

Memórias de ontem, hoje e amanhã – Entrevista com Marialva Barbosa

*Memories of yesterday, today and
tomorrow – Interview with
Marialva Barbosa*

Ciro Götz¹ 

Jéferson Cardoso² 



ENTREVISTA

Marialva Carlos Barbosa é professora titular de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora titular de jornalismo aposentada da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde atuou entre 1979 a 2010. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (1976), mestrado (1992) e doutorado (1996) em História pela mesma instituição. Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), de abril de 2010 a janeiro de 2012. Possui pós-doutorado em comunicação (1999) pelo LAIOS-CNRS, Paris, França. Diretora Científica da Intercom de 2009 a 2011, atualmente é Presidente da INTERCOM. Já foi vice-presidente da Intercom (2011-2014) e Diretora Científica (2009-2011). Seu livro *História Cultural da Imprensa - Brasil 1900-2000* foi ganhador da Medalha Carlos Eduardo Lins e Silva, outorgada pela Intercom em 2007 às mais representativas publicações lançadas naquele ano. Ganhou o prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, categoria Maturidade Acadêmica, em 2008, “pelo conjunto da obra constituída por estudos relevantes, nacionalmente reconhecidos na área de Comunicação”. Foi a primeira Cientista do Nosso Estado da área de Comunicação pela FAPERJ. Publicou *História da Comunicação no Brasil* (Vozes, 2013), *História Cultural da Imprensa - 1900-2000* (MAUADX, 2007) e *História Cultural da Imprensa - 1800-1900* (MAUADX, 2010). Organizou dezenas de livros e publicou dezenas de capítulos de livros em obras organizadas no Brasil e no exterior. Possui dezenas de artigos em revistas nacionais e internacionais. No momento, dedica-se a pesquisar os jornais manuscritos brasileiros do século XIX e também a pesquisas que fazem a interconexão entre história e comunicação.



Sessões do Imaginário: Sobre seu resgate das práticas e modos de leitura dos escravos no Brasil. De que forma se deu essa pesquisa e a partir dela que constatações, em relação a comunicação, podem ser feitas?

Marialva Barbosa: A pesquisa demorou algum tempo porque é uma pesquisa que você tem que procurar indícios muito variados e não guardados dessas práticas. Então ela começou a rigor com a recuperação da possibilidade de leitura e escrita por um autor e historiador chamado Marco Morel, que em 2008, eu li um texto dele que dizia que existia mais relação entre os escravos e a imprensa do que a gente poderia supor. A partir dessa frase dele eu comecei a pensar quais seriam essas relações. Inicialmente eu empreendi uma pesquisa sempre muito tradicional de como a imprensa representava os escravos, isso aí tem muita gente que faz, depois eu ampliei essa visão quando comecei a descobrir os escritos dos escravos e referências de que eles eram leitores. Então eu ampliei, e disse: porque, então, não falar das práticas e dos modos de comunicação desses homens e mulheres que viviam numa sociedade eivada de processos de comunicação modernos.

SI: Sobre lembrança e esquecimento como propriedade da memória. Qual a relação entre ambos e como as tecnologias da ausência e da presença influenciaram ou influenciam na questão do passado?

MB: A relação entre memória e esquecimento é mais completa, não se pode falar de lembrança sem pressupor esquecimento. Porque se você lembrou é porque você esqueceu alguma coisa. A memória é sempre seletiva, uma seletiva reconstrução do passado governada por feixes de subjetividade, vamos dizer assim. Não só dos materiais do passado, mas da própria subjetividade do pesquisador no nosso caso. Pensando na comunicação, no escri-



Marialva Barbosa com os alunos do PPGCOM da Famecos/PUCRS

to sobre tudo como uma tecnologia da presença, mas mesmo ele não é uma tecnologia completa da presença, porque o que você vai colocar como escrito pressupõe também uma ausência, então eu acho que não existe uma tecnologia completa da presença, mesmo virtual, ele não é uma tecnologia completa da presença, ele é, eu

digo sempre, também uma tecnologia do esquecimento, sobretudo do esquecimento, porque você com a suposição de que tudo pode guardar, você exagera na guarda, e quando você tudo guarda, a rigor está esquecendo muita coisa porque jamais volta ao que foi guardado ou volta parcialmente para recuperar aquilo. Então eu acho que as



tecnologias são sobretudo tecnologias das ausências, e elas só servem para uma suposição de construir uma história, por exemplo, dos meios, se você for procurar para além da própria tecnologia da comunicação, se você procurar em outras possibilidades que não sejam tão visíveis, daí eu acho que você pode tentar interpretar o passado.

SI: Que razões podem levar o passado a ser objeto de comunicação ou ele é muito subjetivo?

MB: O passado não é muito objeto de estudo na área da comunicação, que se caracteriza por estudos extremamente presentistas, mas ele é uma matéria prima muito importante para as estratégias de comunicação porque o passado tem um valor de uso. Ser detentor da possibilidade de trazer o passado para o presente é ser detentor de um enorme poder. E os meios tradicionais fazem isso com muita propriedade, ou seja, dão valor de uso ao passado para ressignificar a diferença desse passado em relação aquilo que a gente considera o tempo presente.

SI: Na sua opinião, qual é o lugar dos meios de comunicação atualmente na história?

MB: O lugar dos meios de comunicação, eu acho que não é nem dos meios, o lugar da comunicação na história é a mais absoluta, porque através da comunicação você desenvolve mecanismos de tentar compreender e explicar os processos humanos do contemporâneo que são encharcados de comunicação. Então a gente se move na comunicação. Sem a comunicação você certamente não é capaz de explicar o contemporâneo na sua complexidade e também sem a comunicação você não é capaz de explicar o passado. Porque, como eu digo, são os atos de comunicação dos homens que perduram

no tempo possibilitando a recuperação desse passado, a reinterpretação desse passado.

SI: Sob o ponto de vista do olhar documental, que relação você faz com os manuscritos do Brasil e o que você vai refletir sobre essa questão em sua próxima publicação?

MB: Os manuscritos do Brasil constituem o que eu chamo uma “ordem manuscrita”, um desejo de jornalismo, um mundo, a possibilidade de visualizar um mundo numa espécie de interregno, entre um mundo e outro, entre uma prática e outra, a passagem do passado nesse interstício, entre um lugar significativo da comunicação, que era o escrito, e o outro que era o impresso. E como esse lugar não acaba quando começa o impresso, ele perdura no tempo. Isso serve para a gente refletir sobre os processos que estamos vivendo hoje. Como o virtual não vai substituir o analógico de pronto, como vai coexistir em vários momentos e como essa transformação se dá em uma longa duração, por mais que a gente viva um momento de aceleração exponencial do tempo. Então eu acho que estudar esses processos serve, também, para a gente refletir muito sobre o momento que a gente vive hoje, que é esse momento de interstício entre um modo de comunicação e outro modo de comunicação.

SI: O que era Calunga e qual seu significado?

MB: A Calunga é a possibilidade de transpor o mundo dos vivos em direção a ancestralidade. Então Calunga é a possibilidade de comunicação infinita, é a possibilidade de se comunicar para além da vida, de construir um comum que coloca em relação não apenas as relações sociais em presença, mas também em ausência. Eu acho que os modos de comunicação dos escravos mostram a importância de atravessar o espaço em direção a essa comunicação infinita, a Calunga.

SI: Entre prática e teoria, que solução a senhora vê para desenvolver uma simbiose entre ambas?

MB: Eu acho que as transformações nos modos de comunicação e nas práticas de comunicação no mundo contemporâneo estão colocando às claras, para quem quiser ver, essa simbiose. Ou seja, sem a descoberta de modos de comunicação e de práticas ainda não existentes as tradicionais não conseguirão sobreviver, então essa percepção de algo que ainda está por vir só pode ser construída com reflexão teórica. Ou seja, você não desenvolve na medicina, por exemplo, a descoberta da célula tronco sem a reflexão do que significa a organicidade do corpo humano, e não estudando especificamente a célula como uma prática. Então, o devir coloca, quase que automaticamente, a relação teoria/prática como algo não complementar, mas como algo que se inter-relaciona, e coloca isso como uma evidência do mundo contemporâneo.

Notas

- 1 Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Av. Ipiranga, 6681, Partenon, Porto Alegre/RS, Brasil, CEP: 90619-900). E-mail: cirogotz@gmail.com.
- 2 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Av. Ipiranga, 6681, Partenon, Porto Alegre/RS, Brasil, CEP: 90619-900). E-mail: jefer-sonz@gmail.com.